

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 12 – 2007, DEZEMBRO

Assinatura até Dezembro de 2008: 12 selos postais de 1^o Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se também com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

Así mis pensamientos
rebosan en mí vívidos,
y en crespas espuma de oro
besan tus pies sumisos,
o en fúlgidos penachos
de varios tintes ricos,
se mecen y se inclinan
cuando tú pasas – hijo!

Ved: sentado lo llevo
sobre mi hombro:
oculto va, y visible
para mí sólo!
Él me ciñe las sienes
con su redondo
brazo, cuando a las fieras
penas me postro: –

José Julián Martí 1853-1895, Ismaelillo; Penachos Vivos/Sobre mi Hombro José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

O outrora, quando a musa inspiradora,
os versos meus de pérolas cingia,
era-me leve a rima encantadora
e encantadora e leve a fantasia.
O domínio da trova sedutora,
de prantos feita ou feita de alegria,
era tão dócil quando dócil fôra
deste teu vate o amor à poesia.
Por que só agora é que tu vens, Verinha?
quando é silente e triste a musa minha
e o estro dos cantares eu perdi,
trazer-me este teu álbum... e, docemente
pedir-me assim, em tom indiferente:
"Olha, poeta!... Põe-me um verso aqui!"
Heribaldo Gerbasi, Em Um Álbum

Seja bem-vindo, peregrino amigo,
se foges da miséria ou tirania;
da falta de trabalho ou desabrigo;
do jugo que escraviza e angustia.
Em busca de um trabalho e de um abrigo,
também meu pai, aqui chegou um dia;
ninguém o recebeu como inimigo
e nem lhe perguntou o que trazia.
Senta-te à nossa mesa e nada tema;
ao visitante, aqui se aplica o lema,
de não considerá-lo um forasteiro...
Até o mar, que sempre foi salgado,
recebe e aceita de muito bom grado,
as águas doces desse mundo inteiro!
Antônio Valentim Rufatto, Receptividade
Reencontro: Coletânea, 1995

Eu amo essas ásperas mãos calejadas
daqueles que tratam e cavam a terra
e ganham o pão, o sustento, que encerra
trabalho e suor, maneando as enxadas.
Eu amo as mãos santas das almas cansadas
na dura labuta a que o homem se aferra.
E odeio essas mãos que promovem a guerra,
constroem canhões e disparam granadas.
Eu amo as mãos postas erguidas em prece,
num gesto bendito de amor que enterece,
que enxugam o pranto e minoram a dor.
Eu amo as mãos ternas que fazem carinhos,
que mimam crianças, que amparam velhinhos,
e tudo o que fazem são obras de amor!
Francisco dos Santos, Mãos

Depois de infinita espera,
ao te rever, frente a frente,
parece que a primavera
apareceu de repente...
Analice Feitoza de Lima, 0709
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1^o
01501-030 – São Paulo, SP

É nas praias mais remotas,
nos rochedos junto ao mar,
que as barulhentas gaivotas
costumam nidificar.
Angelica Villela Santos, 0711
O Patusco, Caixa Postal 95
61600-000 – Caucaia, CE

A fibra que transmitiste
ao filho, que hoje te exalta,
não me impede de ser triste
e chorar a tua falta.
Antônio Carlos T. Pinto, 0711
Trovalegre, Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Meu reino é coisa tão minha
é meu lar e, onde estiver,
lá eu sou mais que rainha:
sou mãe, amiga e mulher!
Eliana Dagmar, 0712, Koisalinda
Rua Liberdade 182
14085-250 – Ribeirão Preto, SP

Quando negado um pedido
pelos pais a uma criança,
merecido ou imerecido,
com os avós ela alcança.
Manoel F. Menendez

Aos guabirus do Erário...
a lei, dá absolvição;
mas, não dá, ao proletário,
que apenas, roubou um pão...
Pedro Grilo, 0507, O Pitigari
Rua Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Trovões ribombam,
negras encostas de nuvens...
Chovem pedregulhos!
Douglas Éden Brotto

Por aqui passou
uma traça esfomeada
livro de receitas.
Francisco Handa

Bando de cigarras
estrondozo zangarreio...
Manhã amazônica!
H. Masuda, Goga

Não há comida.
E as moscas se ocupam
em fazer mais moscas.
Paulo Franchetti

Após o aguaceiro
flutuando na correnteza
um boi e um rato.
Roberto Saito

Rosto do bebê
pontuado de vermelho
cruel pernilongo.
Sonia Mori

Boêmios na praça...
Encerra a noite estival,
o jornal que chega.
Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO

Flores decorando
o peitoril da janela.
Vaso de gerânio.
Agostinho José de Souza

Ilumina a noite
a lâmpada do presépio
na sala vazia.
Antônio Seixas

Sede da fazenda.
Ornamentando a varanda
galhos de gardênia.
Argemira F. Marcondes

Festa de alegria!
Todos em volta da mesa.
Ceia de Natal.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Banhistas na praia
comemoram com euforia:
Dia do Salva-vidas.
Helvécio Durso

Da planta à reforma,
tudo de pernas pro ar.
Dia do Arquiteto.
Manoel F. Menendez

No meio do mês,
o Dia do Jornaleiro.
Ótima notícia.
Renata Paccola

Árvore de luz
reúne, em paz, a família
junto à mesa farta.
Lávia Lacerda Menendez

Somente uma noite
se abrindo sobre o jardim
a flor é rainha. N
Alba Christina

Rainha-da-noite,
enfeitada, madrugada
com seu esplendor. N
Argemira F. Marcondes

Rainha-da-noite
debruçada sobre um muro.
Perfume na rua. A
Darly O. Barros

Vestido a caráter,
espera pelo metrô
um Papai Noel. B
Darly O. Barros

Meia melancia
carrega o menino pobre.
A feira acabou... F
Darly O. Barros

Perfume no ar.
Nos canteiros do jardim,
rainha-da-noite. B
Djalda Winter Santos

No calor da tarde
as melancias refrescam
festa no pomar. I
Alba Christina

Somente uma noite
se abrindo sobre o jardim
a flor é rainha. N
Alba Christina

Com sorrisos largos,
fatias de melancia
sobre a mesa posta. N
Amália Marie Gerda

Penetra a faca
na fruta verde, madura.
Fátia vermelha. N
Amauri do Amaral Campos

Em cima da mesa
a melancia partida.
Crianças esperam. N
Analice Feitoza de Lima

No céu lua cheia.
Perfumando todo o alpendre
rainha-da-noite. N
Analice Feitoza de Lima

Um perfume intenso
evola da floração.
Rainha-da-noite. I
Angelica Villela Santos

O verde se abre
num vermelho saboroso.
Verão. Melancia. I
Angelica Villela Santos

Vitrine enfeitada.
Papai Noel oferece
risos e esperanças. I
Angelica Villela Santos

Rainha-da-noite,
enfeitada, madrugada
com seu esplendor. N
Argemira F. Marcondes

Rainha-da-noite
debruçada sobre um muro.
Perfume na rua. A
Darly O. Barros

Vestido a caráter,
espera pelo metrô
um Papai Noel. B
Darly O. Barros

Meia melancia
carrega o menino pobre.
A feira acabou... F
Darly O. Barros

Perfume no ar.
Nos canteiros do jardim,
rainha-da-noite. B
Djalda Winter Santos

Na festa em família,
gorducho Papai Noel.
Um Feliz Natal! Z
Djalda Winter Santos

No velho baú,
foto com Papai Noel.
Tempos que não voltam. N
Flávio Ferreira da Silva

Anoiteceu.
Isolada,
rainha-da-noite. Z
Manoel F. Menendez

Na mesa,
cascas e sementes
da melancia. Z
Manoel F. Menendez

Conversas, varanda,
perfume inebriante,
rainha-da-noite. N
Maria App. Picanço Goulart

Traje de Noel
no guarda-roupa do pai.
Olhinhos surpresos. I
Maria Mello

Sobram os caroços
da melancia rajada.
Brincar de contar! N
Maria Mello

No final da tarde
vem a rainha-da-noite
vai-se com a alva. N
Maria Mello

Crianças reunidas
esperam Papai Noel.
Meias penduradas. F
Renata Paccola

No hotel cinco estrelas,
um prato de melancias.
Café da manhã. N
Renata Paccola

Grandes melancias
se arrastando pelo chão.
Tempo de colheita. N
Renata Paccola

Vozes infantis.
Papai Noel distribui
risos e presentes. D
Roberto Resende Vilela

Noite de Natal.
Papai Noel beija e abraça
criança de rua. F
Roberto Resende Vilela

Olhos esmeraldas,
fatia de melancia
encobre o semblante! D
Shinobu Saiki

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!
Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos.*

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.12.07, quigos à escolha: Amor-de-moça, Dia do Circo, Milho.
Remeter até 30.01.08, quigos à escolha: Alçaço, Laranja-pêra, Salgueiro em Desfolha.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP
ou
mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

PIQUENIQUE NO FRONT*

Fernando Arrabal (tradução de Jjaqueline Laurence)
Gentileza de Tereza Menezes

(conclusão do número anterior)

Zapo (*aos pais*) – Abriguem-se. As bombas vão cair em cima de vocês. (*O barulho dos aviões domina todos os outros. Imediatamente, as bombas começam a cair. Os obuses caem muito perto da cena. Mas sem atingi-la. Barulho ensurdecedor. Zapo e Zepo estão agachados no meio dos sacos. O Sr. Tépan conversa calmamente com a mulher, que lhe responde no mesmo tom tranqüilo. Não se ouve o diálogo por causa do bombardeio. A Sra. Tépan vai apanhar um dos objetos que trouxeram, extraindo um guarda-chuva como se estivesse chovendo. Estão de pé. Falam de seus negócios particulares, enquanto se balançam em cadência de um pé para o outro. O bombardeio continua. Finalmente, os aviões afastam-se. Silêncio. O Sr. Tépan estende um braço para fora do guarda-chuva para assegurar-se que não está caindo mais nada do céu.*)

Sr. Tépan (*à mulher*) – Pode fechar. (*A Sra. Tépan obedece. Os dois aproximam-se do filho, cutucando-lhe o traseiro de leve, com ajuda do guarda-chuva.*)

Sr. Tépan – Vamos, vamos. Podem sair. O bombardeio já acabou. (*Zapo e Zepo saem do esconderijo.*)

Zapo – Tudo bem com vocês?

Sr. Tépan – E você acha que podia ter acontecido alguma coisa com seu pai? (*Orgulhoso.*) Aquelas bombinhas, imagine! Acho até graça! (*Entra à esquerda um casal de soldados da Cruz Vermelha. Carregam uma maca.*)

1º Enfermeiro – Tem mortos? Tem?

Zapo – Não, por aqui, nenhum.

1º Enfermeiro – Tem certeza? Olharam bem?

Zapo – Olhamos.

1º Enfermeiro – Nenhum morto mesmo?

Zapo – Estou dizendo que não.

1º Enfermeiro – Nem mesmo um ferido?

Zapo – Nem isso.

2º Enfermeiro (*ao primeiro*) – Essa, não. Não faltava mais nada! (*A Zepo, em tom persuasivo.*) Veja por aí se não encontra um defunto.

1º Enfermeiro – Não insista, eles já disseram que não tem.

2º Enfermeiro – Que sujeira!

Zapo – Sinto muito. Não foi de propósito, podem crer.

2º Enfermeiro – É o que todo mundo diz. Que não tem morto e que não foi de propósito.

Sr. Tépan – Deixe o cavalheiro em paz. (*Pensativo.*) Se pudermos fazer alguma coisa pelos senhores, será um prazer. Estamos às suas ordens.

2º Enfermeiro – Essa é boa. Se as coisas continuam assim, não sei o que o capitão vai dizer.

Sr. Stépan – Mas... de que se trata?

1º Enfermeiro – Acontece que os outros estão com os pulsos doendo de tanto carregar cadáveres e feridos, e nós ainda não encontramos nada. E não foi por falta de procurar.

Sr. Tépan – Compreendo, realmente é muito desagradável! (*A Zapo.*) Você tem certeza que não há nenhum morto?

Zapo – Claro que não, papai.

Sr. Tépan – Você olhou direitinho debaixo dos sacos?

Zapo – Olhei, papai.

Sr. Tépan (*furiioso*) – Diga logo de uma vez que você não quer fazer nada para ajudar estes cavalheiros tão amáveis!

1º Enfermeiro – Não precisa brigar com ele. Pode deixar. Pode ser que a gente tenha mais sorte numa trincheira em que tenha morrido todos.

Sr. Tépan – Ficarei muito satisfeito.

Sra. Tépan – Eu também. Não há nada que me agrade tanto quanto as pessoas que levam seu trabalho a sério.

Sr. Tépan (*indignado, gritando*) – Então, não se vai fazer nada para ajudar esses cavalheiros?

Zapo – Se dependesse de mim, já estaria feito.

Zepo – E de mim também.

Sr. Tépan – Mas nenhum de vocês está sequer ferido?

Zapo (*envergonhado*) – Eu, não.

Sr. Tépan (*a Zepo*) – E o senhor?

Zepo (*envergonhado*) Eu também, não. Nunca tive sorte.

Sra. Tépan (*contente*) – Ah! agora me lembro! Hoje de manhã, descascando cebolas, cortei o meu dedo. Serve?

Sr. Tépan – Claro que serve. (*Entusiasmado.*) Eles vão te transportar imediatamente!

1º Enfermeiro – Não, não serve. As senhoras não servem.

Sr. Tépan – Então, continuamos na mesma.

1º Enfermeiro – Paciência!

2º Enfermeiro – Pode ser que seja melhor nas outras trincheiras. (*Recomeçam a andar.*)

Sr. Tépan – Não se preocupem. Se encontrarmos um morto, vamos guardá-lo para os senhores. Não o entregaremos a mais ninguém, podem ficar sossegados.

2º Enfermeiro – Muito obrigado, meu senhor.

Sr. Tépan – De nada, amigo, de nada. Não precisa agradecer. (*Os quatro respondem. Os enfermeiros saem.*)

Sra. Tépan – São essas coisas que tornam agradável um domingo no campo. A gente sempre encontra pessoas simpáticas. (*Pausa.*) Mas por que é que o senhor é inimigo?

Zepo – Não sei. Não tive muita instrução.

Sra. Tépan – É de nascença, ou o senhor só se tornou inimigo mais tarde?

Zepo – Não sei, não sei disso não.

Sr. Tépan – Então como foi que o senhor veio pra guerra?

Zepo – Um dia, eu estava em casa, consertando o ferro de passar de mamãe, e chegou um homem que me disse: “É o senhor que se chama Zepo?” – Sou eu, sim. “Muito bem, você precisa ir para a guerra.” Aí então, eu perguntei: “Mas que guerra?” e ele me disse: “Você não lê os jornais, infelizes?” Aí, então, eu disse que lia, mas não as histórias de guerra...

Zapo – Comigo também foi assim.

Sr. Tépan – Eles também vieram te buscar.

Sra. Tépan – Não, senhor, não foi a mesma coisa. Você naquele dia não estava consertando um ferro de passar. Estava consertando o carro.

Sr. Tépan – Eu estava falando do resto. (*A Zepo.*) – Continue. O que foi que aconteceu depois?

Zepo – Aí, então, eu disse a ele que tinha uma noiva e que se eu não levasse ela ao cinema domingo, ela ia se chatear. Ele me disse que isso não tinha importância.

Zapo – Comigo foi a mesma coisa.

Zepo – Aí meu pai veio correndo e disse que eu não podia ir pra guerra porque eu não tinha cavalo.

Zapo – Meu pai também.

Zepo – Aí aquele senhor respondeu que não era mais preciso ter cavalo e eu perguntei se podia levar a minha noiva. Ele disse que não. Aí, perguntei se podia levar a minha tia para ela fazer pudim pra mim às quintas-feiras, eu gosto muito de pudim.

Sra. Tépan (*dando-se conta de que se esqueceu*) – Oh! O pudim!

Zepo – Aí ele disse outra vez que não.

Zapo – Pra mim também.

Zepo – E desde aquele dia eu fico quase sempre sozinho na trincheira.

Sra. Tépan – Já que estão tão perto um do outro e se aborrecem tanto, você e o senhor prisioneiro podiam se visitar à tarde.

Zapo – Ah, isso não, mamãe. Eu tenho medo. Ele é inimigo.

Sra. Tépan – Que bobagem! Não deve ter medo.

Zapo – Se a senhora soubesse o que o general contou dos inimigos!

Sra. Tépan – Que foi que ele contou?

Zapo – Disse que os inimigos são gente muito ruim. Que quando eles têm prisioneiros põem pedrinhas nos sapatos deles para que se machuquem quando andam.

Sra. Tépan – Que horror! Que selvagens!

Sr. Tépan (*A Zepo, indignado*) – O senhor não tem vergonha de pertencer a um exército de criminosos?

Zepo – Eu não fiz nada não, senhor. Não estou de mal com ninguém.

Sra. Tépan – Estava se fingindo de santinho para nós, não é?

Sr. Tépan – Não devíamos tê-lo desamarrado. Se por acaso ficamos de costas para ele, é bem capaz de pôr uma pedrinha nos nossos sapatos.

Zepo – Não zanguem comigo.

Sr. Tépan – Mas como é que o senhor quer ser tratado? Estou indignado! Ah, já sei o que vou fazer! Vou procurar o capitão e pedir-lhe que me deixe lutar na guerra.

Zapo – Ele não vai querer. Você está muito velho.

Sr. Tépan – Então, vou comprar um cavalo e uma espada e vou lutar na guerra à minha maneira.

Sra. Tépan – Muito bem! Se eu fosse homem, faria a mesma coisa.

Zepo – Por favor, minha senhora, não me trate assim. Aliás, agora vou dizer: o nosso general disse exatamente a mesma coisa de vocês.

Sra. Tépan – Como é que ele ousou dizer uma mentira dessas?

Zapo – A mesma coisa? Tem certeza?

Zepo – Tenho. A mesma coisa.

Sr. Tépan – Então, talvez tenha sido o mesmo que falou com vocês dois.

Sra. Tépan – Mas se foi o mesmo, ele poderia pelo menos mudar de conversa. Que história é essa de dizer a mesma coisa a todo mundo?

Sr. Tépan (*a Zepo, outro tom*) – Mais um traguinho?

Sra. Tépan – Espero que tenha gostado do nosso almoço!

Sr. Tépan – Pelo menos tudo correu melhor do que no domingo passado.

Zepo – O que foi que aconteceu no domingo passado?

Sr. Tépan – Imagine que fomos ao campo e colocamos o nosso farnel sobre o cobertor. Enquanto estávamos olhando para o outro lado, uma vaca comeu o almoço todo, até os guardanapos.

Zepo – Que esganada!

Sr. Tépan – Pois é! Mas depois, para compensar, nós comemos a vaca. (*Eles riem.*)

Zapo (*a Zepo*) – Devem ter matado a fome!

Sr. Tépan – À saúde de todos! (*Todos bebem.*)

Sra. Tépan (*a Zepo*) – E o que é que o senhor faz para se distrair, na trincheira?

Zepo – Para me distrair, passo o tempo todo fazendo flores de pano. Sabe, eu me chateio muito.

Sra. Tépan – O que é que o senhor faz com as

flores?

Zepo – No começo, eu mandava para minha noiva. Mas um dia ela me disse que a estufa e o porão já estavam cheios, que ela não sabia mais o que fazer com as flores e que, se não fosse incômodo demais, eu lhe mandasse outra coisa. Tentei aprender outra coisa, mas não consegui. Então, continuo fazendo flores de pano para passar o tempo.

Sra. Tépan – E depois o senhor joga fora?

Zepo – Não, agora achei uma utilidade para elas. Dou uma flor para cada companheiro que morre. Assim, já sei que por mais que faça, não vai dar pra gastar.

Sra. Tépan – O senhor achou uma boa solução.

Zepo (*tímido*) – Também acho.

Zapo – Pois eu, para não me chatear, faço tricô.

Sra. Tépan – Mas, diga-me uma coisa, será que todos os soldados se chateiam tanto quanto vocês dois?

Zepo – Depende do que fazem para se distraírem.

Zapo – Do lado de cá é a mesma coisa.

Sr. Tépan – Então, vamos acabar com a guerra.

Zepo – Mas como?

Sr. Tépan – Nada mais simples. Você diz aos seus companheiros que os inimigos não querem mais saber de guerra, e o senhor diz a mesma coisa aos seus colegas. E todo o mundo volta para casa.

Zapo – Formidável!

Sra. Tépan – Assim o senhor vai poder acabar de consertar o ferro de passar.

Zapo – Como é possível que ninguém tenha pensado nisso antes?

Sra. Tépan – Só mesmo seu pai é capaz de ter uma idéia dessas. Não se esqueça de que ele é ex-aluno da escola normal e filatelista emérito.

Zepo – Mas o que os marechais e os cabos vão fazer?

Sr. Tépan – Ora, a gente dá pra eles umas guitarras e castanholas para se distraírem.

Zepo – Boa idéia.

Sr. Tépan – Estão vendo como é fácil? Já está tudo resolvido.

Zepo – Vai ser um sucesso louco!

Zapo – Os meus colegas vão ficar um bocadinho contentes.

Sra. Tépan – Que tal se tocarmos o *passo doble* novamente para festejar?

Zapo – Ótimo! Isso, mamãe. Ponha o disco. (*A Senhora Tépan põe um disco na vitrola. Roda a manivela. Espera. Silêncio. Começa a ouvir-se um alegre passo doble. Zapo dança com Zepo e a Sra. Tépan com o marido. Estão todos muito alegres. Ouve-se o tintilar da campainha do telefone. Nenhum dos quatro percebe que está tocando e continuam dançando com muito empenho. O telefone toca novamente. A dança continua. O combate recomeça com maior estrondo de bombas, tiros, rajadas de metralhadoras. Os quatro nada viram e continuam dançando alegremente. Uma rajada de metralhadora derruba os quatro. Caem mortos no chão. Uma bala deve ter passado pela vitrola. O disco repete sempre a mesma coisa, como um disco riscado. Ouve-se a música do disco arranhado até o fim da peça. Entram à esquerda os dois enfermeiros. Carregam uma maca vazia.*)

CORTINA

Madrid/1952.

* Esta peça foi apresentada n'O TABLADO em 1966. Direção de Ivan Albuquerque, cenário de Ana Letyica e figurinos de Kalma Murtinho, com Roberto de Cleto (Zapo), Hugo Sandes (Zepo), Carmem Sílvia Murgel (Sra. Tépan), Hélio Ari e Paulo Padilha (Sr. Tépan), Pedro Proença e Flávio S. Thiago – enfermeiros.

Vai ser eleito, de novo, de maneira genial. – Está prometendo ao povo dois meses de carnaval!

Fui tão rico e nem sabia nos belos tempos de então. Incrível! sempre eu comia gostoso arroz com feijão!

A dívida te amedronta? – Não te cases por dinheiro! Já pensou em quanto monta a fortuna em ser solteiro?

Ela, olhando um anel raro, diz numa meiguice infanda: – Não é lindo, meu caro? – É tão caro... minha linda!

Não sou apegado ao cobre assim como esses judeus. Mas digo: tudo que ao pobre se dá ou se empresta, adeus!

Meninice, mocidade... – mãos dadas na alegre rua. Velhice, felicidade... – minha mão aquece a sua.